

## **BULLYING: A VULGARIZAÇÃO DE UM CONCEITO NA MÍDIA**

**Lívia Oliveira Salgueiro de Moura<sup>1</sup>, Diogo Nunes<sup>2</sup>, Matheus Augusto de Lima Ribeiro<sup>3</sup>, Antônio Carlos Machado Guimarães<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>UNIVAP/FACULDADE DE DIREITO, São José dos Campos, liviaosalgueiro@gmail.com

<sup>2</sup>UNIVAP/FACULDADE DE DIREITO, Guararema, diogo\_withyou@hotmail.com

<sup>3</sup>UNIVAP/FACULDADE DE DIREITO, São José dos Campos, matheusribeiro1003@hotmail.com

<sup>4</sup>UNIVAP/FACULDADE DE DIREITO, São José dos Campos, ac.guimaraens@gmail.com

**Resumo-** Este artigo tem por objetivo comparar os dados científicos, de um levantamento bibliográfico sobre o *bullying*, com as informações divulgadas pela mídia a respeito do tema. Concluímos, através de pesquisa bibliográfica e pesquisas nos veículos jornalísticos, que as informações fornecidas pela mídia são parcialmente condizentes com os dados científicos, que destacam como principais características do *bullying*: violência entre pares, de caráter repetitivo, com intenção de magoar ou prejudicar a vítima incapaz de se defender, sempre na presença de espectadores.

Verificamos, apesar disso, que a mídia não leva em consideração as testemunhas, não reconhece que os agressores também têm necessidade de tratamento psicológico e dão ênfase apenas ao fato em si, pouco se aprofundando no contexto em que ocorre o *bullying*, que envolveria os três agentes: vítima, agressor e plateia, além de pais e professores.

**Palavras-chave:** *bullying*, violência, escola, Sociologia

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

### **Introdução**

O presente estudo tem como objetivo comparar diferentes teorias científicas sobre o fenômeno do *bullying* cotejando com a utilização deste conceito pelo senso-comum; tal como podemos perceber, em sua utilização pela mídia.

A palavra *bullying* refere-se a um conjunto de práticas violentas, repetitivas e intencionais onde a vítima não provém de meios para se defender.

Martins (2005) refere que as pesquisas sobre o tema são de suma importância devido aos efeitos negativos que o *bullying* pode ter no ambiente escolar, na vida das vítimas (problemas de autoestima e depressão) e dos agressores (delinqüência, segundo o mesmo autor).

A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas, como o português, o alemão e o francês, devido ao amplo escopo de significados associado à palavra.

No Brasil, o termo *bullying* tem sido utilizado frequentemente pela mídia, não raro associado à abordagem sensacionalista de alguns eventos. Coloca-se, então, a pergunta sobre a afinidade do tratamento do fenômeno pelas diferentes disciplinas, destacando-se as ciências sociais, e

aquela que este tem recebido nos meios de comunicação. Mas, será que as informações divulgadas pela mídia, muitas vezes de maneira sensacionalista, são condizentes com os estudos realizados no meio acadêmico?

### **Metodologia**

Focado no conceito de *bullying* este trabalho propõe-se a uma leitura preliminar da literatura científica sobre o tema, cotejando seus resultados com o emprego do termo nos meios de comunicação (jornais, revistas, internet, etc.)

### **Resultados**

*Bullying* é tema discutido em diferentes países. Noruega, Portugal, Espanha e Estados Unidos são parte de um conjunto de nações por onde o termo se difunde, dando a medida da importância do fenômeno na contemporaneidade.

Contudo, Martins (2005) ressalta serem as pesquisas sobre *bullying* relativamente recentes. O tema passa a despertar interesse ao final da década de setenta nos países escandinavos, a partir de estudos empíricos realizados por Olweus (1997). Foi este autor quem descreveu pela

primeira vez a natureza e extensão do problema. A partir de então, um dos fatores que contribuíram para o aumento do interesse sobre o tema *bullying* teria sido a divulgação de casos de suicídio de algumas crianças vítimas de *bullying*.

A autora conclui que as pesquisas sobre o tema são de suma importância devido aos efeitos negativos que o *bullying* pode ter no ambiente escolar, na vida das vítimas (problemas de autoestima e depressão) e dos agressores (delinqüência).

No Brasil, os primeiros estudos datam do ano 2000, com o tema ganhando maior repercussão devido a dois casos específicos, ocorridos no intervalo de um ano. Em 2003, em Taiúva (SP), um ex-estudante de 18 anos foi até a escola onde concluiu o Ensino Médio portando uma arma. Feriu oito pessoas e cometeu suicídio. A polícia apurou que tudo ocorreu porque ele não tinha esquecido os maus tratos que sofrera de colegas quando estudava naquela escola.

Outro caso ocorreu em 2004, em Remanso (BA). Um aluno de 17 anos foi armado para a escola. Ele matou um colega e uma professora de quem não gostava, além de deixar outros feridos. Tudo ocorreu porque ele sofria gozações constantes dos colegas.

Logo se percebe que as notícias sobre o *bullying* só ganham destaque quando ocorre alguma tragédia, que infelizmente chamam mais a atenção das pessoas do que simples informativos de como prevenir e tratar casos de *bullying* (Vives, 2010).

Fante (2003, 2005) realizou estudos de caracterização de *bullying* em cidades do interior do estado de São Paulo-SP. Aponta que a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades. Conforme o autor, os praticantes do *bullying* são conhecidos como autores agressores. Os alvos, as pessoas vitimizadas, geralmente sofrem as conseqüências do *bullying* e, na maioria das vezes são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa auto-estima, quietas e que não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos.

Francisco & Libório (2009), em estudo realizado com crianças de 5ª e 8ª séries no interior de São Paulo, identificaram que 13,9% das crianças entrevistadas haviam sido vítimas de *bullying*. Dentre essas vítimas, os meninos afirmaram ser agredidos só por meninos, e as meninas afirmaram ser agredidas tanto por meninos como por meninas.

Lopes Neto (2005) que junto da Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, com mais de 5.500 alunos de 5as a 8as séries do Ensino Fundamental, na cidade do Rio de Janeiro-

RJ, e investigou as características de tais atos, além de sistematizar estratégias para intervir e reduzir a agressividade entre os escolares. De acordo com o autor, as testemunhas não participam diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas. O autor argumenta que a escola é vista, tradicionalmente, como um local de aprendizado, avaliando-se o desempenho dos alunos com base nas notas dos testes de conhecimento e no cumprimento de tarefas acadêmicas. No entanto, acrescenta ele, três documentos legais formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

Conforme o autor, tal violência ocorre através da perseguição e intimidação de um aluno por um ou vários colegas, com a intenção clara de provocá-lo sofrimentos e apresenta caráter repetitivo e intencional. Estudos verificados pelo autor indicam que a prevalência de estudantes vitimizados varia de 8 a 46%, e de agressores, de 5 a 30%.

Vila e Diogo (2009) mostram que quem pratica *bullying* geralmente vem de famílias desestruturadas e não possui muito afeto. Os pais não se fazem presentes para impor limites, ou impõe demasiados limites de forma muito agressiva. Segundo os autores, há dois tipos de agressores, os mais violentos que não compreendem os sentimentos alheios, e os agressores que o fazem para ser mais populares entre seus colegas. As crianças e adolescentes que praticam *bullying* têm a sua volta seus amigos para presenciar seus 'feitos', os proteger e auxiliar nas agressões. De acordo com os autores, as vítimas são frágeis e não apresentam capacidades físicas ou emocionais para reagir. São inseguras a ponto de não procurar ajuda e têm muita dificuldade para fazer amizades. As agressões se dão com tanta intensidade e frequência que as vítimas vão ficando com cada vez mais medo e tensão. O silêncio é, para os agressores, um sinal de que eles estão no poder e para os pais, um sinal de que tudo está em ordem. A maioria das testemunhas não está de acordo com tais comportamentos e até sentem simpatia pelas vítimas, mesmo que acreditem que atos de violência tornam os agressores mais populares.

## Discussão

Por esta via chegamos a algumas definições que buscam dar conta do fenômeno. Neto & Saavedra (2004), por exemplo, destacam que o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente. Estas seriam adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. Tratam-se, na visão dos autores, de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são encarados como naturais e habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais.

Tognetta (2010) analisou o *bullying* do ponto de vista psicológico. Destaca como origem do conceito, do termo inglês Bull (touro), associado ao sentido de intimidação. Do touro, a força que assola, menospreza, que diminui o outro. Assim, *Bullying* diria respeito às formas de intimidação, de humilhação e menosprezo e conta com ao menos cinco características marcantes. Trata-se de uma forma de violência entre pares, ou seja, não há desnível de poder ou de autoridade entre aqueles que participam. A segunda característica que explica o fenômeno é a repetição. Existe uma terceira característica a ser considerada: há a intenção de ferir. A quarta característica é que os autores de *bullying* escolhem intencionalmente seus alvos, e estes são exatamente aqueles que por razões psicológicas parecem concordar com a imagem que seus algozes querem fazer dele: as vítimas sentem-se diferentes pela roupa que vestem, maneiras como se relacionam, pelas diferenças físicas ou psicológicas, trejeitos e, principalmente, por sentirem-se pouco seguros com relação ao respeito que nutrem por si mesmos. A quinta característica: não há *bullying* sem que haja um público a corresponder com as apelações de quem ironiza, age com sarcasmo e parece liderar aqueles que são espectadores. Analogamente, Martins (2005) descreveu alguns aspectos que parecem comuns a todas as definições de *bullying*. São eles: o abuso de poder que uma pessoa exerce sobre a outra; a repetição do comportamento, ou pelo menos a ameaça de que o comportamento pode se repetir; a intenção de prejudicar ou magoar o outro; e a situação de vulnerabilidade da vítima. Neste sentido, a autora fez um apanhado de diversas formas de manifestação do *bullying* pesquisados por autores como Olweus (1995), Smith & Sharp (1995) e Morita et al (1999), dentre as quais destacam-se os seguintes comportamentos:

- Direto e físico, que inclui: bater, chutar, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorquir dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar colegas a realizar tarefas servis e ameaçar a fazer estes comportamentos citados;

- Direto e verbal, que inclui: insultar, apelidar, gozar, fazer comentários racistas e/ou que salientam qualquer característica diferente ou deficiência dos colegas;

- Indireto, que se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo, ameaçar a exclusão do grupo, espalhar boatos destrutivos, em resumo, manipular a vida social dos pares.

Para Tognetta (2005), tanto os causadores quanto as vítimas de *bullying* precisam de ajuda. Por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua auto-estima, e do conceito que tem de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral. A autora afirma que a vítima não pressupõe outras formas de resolver o problema a não ser ficar quieto, ou introverter-se em sua própria condição, além de não possuir status para reagir, ou ao menos se defender expressando o que sente de forma concisa.

E como o tema tem sido tratado em nossa imprensa? Tomemos como um dos exemplos a reportagem da revista Época, publicada na edição de 11 de abril de 2011, noticiando o massacre ocorrido numa escola no Rio de Janeiro. Nela se afirma ser o autor dos disparos vítima de *bullying* no passado, durante o período em que estudou na escola onde ocorreu o massacre. As informações dadas pela revista a respeito do *bullying* foram condizentes com as encontradas nas pesquisas científicas, na medida em que descrevem o assassino como uma pessoa introvertida, com poucos amigos, que usava roupas estranhas e recebia apelidos pejorativos dos colegas.

O jornal da Prefeitura de São José dos Campos (Jornal da Cidade, junho de 2011) recentemente publicou matéria sobre *bullying*, contendo breve depoimento de algumas vítimas e dados condizentes com a literatura científica, pois descrevem o fenômeno como comportamentos agressivos, ameaças e humilhações sofridas de maneira repetitiva, que podem causar perda da autoestima e queda no rendimento escolar, e que são praticados por pessoas do mesmo grupo.

A mídia mostrou no Jornal Nacional, da Rede Globo, que o agressor é intolerante, arranja confusões facilmente, gosta de aparecer e está sempre rodeado de colegas. Ele acha que agredindo (e esta agressão pode ser física, verbal ou psicológica) outrem vai se tornar mais popular (2009).

No SBT, em entrevista com a psicóloga Livia Borges (2009), esta diz que o *bullying* apresenta

alguns sintomas como o descaso escolar, em alguns casos, depressão, problemas para dormir, ansiedade e problemas futuros de autoestima.

Para ela, o agressor busca popularidade e poder diante dos colegas, querendo diminuir o outro para se sentir superior. Geralmente ele quer que o outro sinta a insegurança que ele sente, mas não admite.

Outro ponto de suma importância é delinear o perfil das vítimas de *bullying*. A mídia segue a mesma linha de raciocínio encontrada nos artigos científicos, mostrando no programa 'A Liga', da emissora BAND, que as crianças têm dificuldade de comunicação e dificilmente pedem ajuda aos professores ou mesmo contam aos pais o que ocorre no âmbito escolar. As vítimas são geralmente diferentes e não se encaixam em nenhum grupo (2011).

No programa Mais Você, da Rede Globo, em entrevista, Serginho Groisman ressalta a importância de a vítima relatar o que acontece, se abrindo com alguém. Muitas vezes a vítima não conta o que está acontecendo por medo. Entrevistada no mesmo programa, a Dra. Ana Barbosa diz que tem duas categorias de pessoas que sofrem *bullying*: aquelas que sucumbem, e as que têm a capacidade de se tornarem mais fortes com isso (2010).

Em entrevista na Rede Paranaense de Televisão, Rede Globo, com o professor Marcos Meier (2009), sobre *Bullying* nas escolas, o mesmo refere que *bullying* são "Atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos praticados só por uma pessoa ou por um grupo para intimidar ou agredir."

De acordo com o professor, não é difícil notar quem é vítima de *bullying*. Antes de ir pra escola aparecem dores inexplicáveis, como um aviso dizendo que a criança não quer ir pra aula. A criança começa a ter pesadelos e apresenta um comportamento de maior irritabilidade. Um aumento nas notas pode indicar que ela não quer mais saber de brincar e fica estudando, por medo, numa espécie de fuga. E uma queda repentina nas notas também pode indicar *bullying*, pois a criança estava gostando de estudar e de repente odeia. Ela diz que odeia a escola ou a professora, pois tem medo de falar algo dos alunos, por medo. Na internet há o site observatório da infância ([www.observatoriodainfancia.com.br](http://www.observatoriodainfancia.com.br)) criado pelo médico pediatra Dr. Lauro Monteiro, onde é possível ler depoimentos de quem já sofreu *bullying*, saber mais sobre as doenças que esse fenômeno pode causar, dentre outros temas englobados pelo *bullying*. O site também oferece algumas dicas para os pais perceberem em seus filhos traços de que estes podem estar sofrendo *bullying* tais como "rejeitar a escola, pedir para mudar de sala de aula, queda no rendimento

escolar, passar a apresentar sinais de somatizações (diarréia, vômitos, dores abdominais, asma, insônia e pesadelos), e problemas emocionais (como tristeza, depressão) ou sociais (como isolamento e não participação em atividades de grupo). "Acompanhar a socialização da criança é tão, ou mais, importante quanto tomar conhecimento do seu aproveitamento escolar. Uma boa dica é convidar para ir à sua casa os colegas da escola." (Monteiro, 2007). Os dados apresentados pelo referido site são condizentes com os encontrados na literatura científica.

E, por fim, também é relevante mostrar o lado das crianças que presenciam tais atos. As chamadas 'testemunhas de *bullying*', pouco apresentadas pela mídia. As crianças que assistem à prática do *bullying* e não estão diretamente envolvidas dificilmente se manifestam, principalmente por medo de acabar sofrendo agressões também.

## Conclusão

A definição de *bullying* apontada na mídia é geralmente a mesma desvendada em artigos científicos. Isto porque o assunto está tão em evidência que a mídia se vê obrigada a trazer psicólogos e estudiosos do assunto para fazer alguns esclarecimentos.

Concluimos, através de pesquisa bibliográfica e pesquisas nos veículos jornalísticos, que as informações fornecidas pela mídia são parcialmente condizentes com os dados científicos, que destacam como principais características do *bullying*: violência entre pares, de caráter repetitivo, com intenção de magoar ou prejudicar a vítima incapaz de se defender, sempre na presença de espectadores.

Verificamos, apesar disso, que a mídia não leva em consideração as testemunhas, não reconhece que os agressores também têm necessidade de tratamento psicológico e dão ênfase apenas ao fato em si, pouco se aprofundando no contexto em que ocorre o *bullying*, que envolveria os três agentes: vítima, agressor e plateia, além de pais e professores.

## Referências

- FANTE, C. A. Z. (2003). Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz). São José do Rio Preto, SP: Ativa.

- FANTE, C. A. Z. (2005). Fenômeno bullying: Como prevenir a

violência nas escolas e educar para a paz.  
Campinas, SP:  
Verus.

- FRANCISCO, M. V. & LIBÓRIO, R. M. C. (2009).  
Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do  
Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e  
Crítica**, 22 (2), 200-207

- LOPES NETO, A. A. (2005). Bullying:  
Comportamento agressivo entre estudantes.  
**Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)**, 81(5), 164-  
172.

- MARTINS, M. J. D.(2005). O problema da  
violência escolar: uma clarificação e diferenciação  
de vários conceitos relacionados. **Revista  
Portuguesa de Educação**, 18 (1), 93-115.  
Universidade do Minho Braga, Portugal.

- MONTEIRO, Lauro (2007). Perguntas e  
respostas sobre bullying. Site Observatório da  
infância. Disponível em:  
[http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.p  
hp3?id\\_article=231](http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=231). Acesso em 18 de setembro de  
2011 às 11h48min.

- NETO, A.A., SAAVEDRA, L.H. Diga NÃO para o  
Bullying. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

- OLWEUS, D. (1997). Bully/victim problems in  
school: facts and intervention. **European Journal  
of Psychology of Education**, XII, 4, pp. 495-511.

- TOGNETTA, L. R. P. (2005). Violência na escola:  
Os sinais de bullying e o olhar necessário aos  
sentimentos. In A. Pontes &  
V. S. Lima (Eds.), *Construindo saberes em  
educação* (pp. 11- 32). Porto Alegre, RS: Zouck.

- TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T.P. Bullying e  
intervenção no Brasil: um problema  
ainda sem solução (2010). In: Actas do 8º.  
Congresso Nacional de Psicologia da Saúde:  
Saúde, Sexualidade e gênero. ISPA – Instituto  
Universitário. Lisboa, Portugal. Anais eletrônicos.  
ISBN 978-972-8400-97-2

- VILA, Carlos e DIOGO, Sandra (2009) – ISMAT  
Superior Manuel Teixeira Gomes – Portimão  
(Portugal). O Portal dos Psicólogos.

- VIVES, Fernando (2010). Bullying nas escolas.  
Carta Capital. Disponível em:  
[http://www.cartacapital.com.br/carta-  
fundamental/bullying-nas-escolas](http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental/bullying-nas-escolas). Acesso em 06  
de agosto de 2011 às 17h00min.